

**“Os futuristas que vão para o diabo que os carregue!”:
um caso de antimodernismo na imprensa de Porto Alegre**

Luciana Murari (UCS)

Entre 1925 e 1930, o jornalista e escritor de contos regionais Roque Callage firmou-se como uma das figuras públicas mais notórias de Porto Alegre, como cronista titular da coluna *A Cidade*, publicada diariamente no *Diário de Notícias*. Dedicada aos mais diversos assuntos cotidianos, a coluna alcançou notável repercussão, sobretudo porque se vivia uma intensa percepção da necessidade de sincronizar a capital do Estado com a modernidade. Este processo de atualização tinha sua face mais visível na chamada remodelação urbana, que incluía a realização de obras viárias, a criação de áreas públicas de lazer, a reestruturação dos serviços urbanos e da administração pública municipal. O novo ordenamento da vida social incluía, por outro lado, não apenas mudanças físicas e institucionais, mas novos modelos de comportamento, sociabilidades transformadas e uma vivência inédita dos espaços públicos. Neste panorama, o cronista tratava de múltiplos temas, que se estendiam ao clima, à moda, à criminalidade, ao custo de vida, aos hábitos de comportamento, às práticas religiosas, às obras urbanas, à vida social dos clubes chiques e das festas populares, à marginalização dos pobres e dos doentes.

Assim, em um contexto de entusiasmo modernizador e, mais do que isto, civilizador, Callage dispôs-se a atuar como porta-voz dos anseios da população e, ao mesmo tempo, como a consciência superior de homem letrado, culto e bem informado, em um meio social ainda muito tímido em termos culturais e educacionais. Ao longo da história de *A Cidade*, Callage adotou alguns temas que eram sistematicamente retomados, tidos como particularmente relevantes para a vida de Porto Alegre: a criminalidade, o preço da carne, a organização do trânsito, a exploração dos incautos pelos malandros, as iniciativas filantrópicas e caritativas, o elogio irônico da nova moda feminina e, de forma liminar, o modernismo literário. É curioso que, embora Callage fosse já um consagrado cultor da vertente regionalista, são muito poucas as crônicas dedicadas por ele ao tema específico da literatura. No entanto, a onda modernista que vinha de São Paulo foi um alvo constante de suas

crônicas. Mesmo que fosse um tema tratado o mais das vezes *en passant*, *A Cidade* construiu uma determinada visão daquele movimento que, mais do que exposto como uma simples oposição sistemática de um intelectual esteticamente “conservador” contra um movimento pretensamente revolucionário, deve ser objeto de uma reflexão mais detida, que seja capaz de acompanhar o tema não apenas do ponto de vista da recepção do modernismo no Rio Grande do Sul, como também dos limites e das possibilidades do movimento como programa artístico e ideológico capaz de se impor da metrópole paulista às “províncias” brasileiras. A fórmula do antimodernismo de Roque Callage é aparentemente simples: cultor de um gênero convencionalmente preso a uma imaginação romântica e à linguagem realista-naturalista, o regionalismo, resiste às inovações estéticas que não é capaz de assimilar, demonstrando uma postura retrógrada e uma visão limitada do fazer literário. A leitura de sua coluna de assuntos urbanos aponta, entretanto, a necessidade de rever o problema.

Nas primeiras referências de *A Cidade* ao modernismo, ele surge mais comumente com o rótulo de “futurismo”. Embora o termo fosse utilizado de forma um tanto genérica para denotar as novas tendências artísticas do pós-guerra, ele era também associado à figura controversa de Marinetti – o que, aparentemente, já denunciaria a predisposição do cronista a afrontar o movimento. Em maio de 1926, justamente no mês em que o escritor italiano chegava pela primeira vez ao Brasil para uma série de conferências, Callage citava seu nome e o associava à literatura local, em uma crônica que tratava do aspecto da cidade na chegada do inverno, quando os plátanos perdiam suas folhas:

O que fica, então, é um fantasma “passa-desta” de árvore a evocar cheio de dor os tempos idos, os dias estáveis de plena exuberância de folhagens. Mas, como os “futuristas” aboliram por completo o passado e a saudade, o velho plátano desganhado perde o seu feitio de fantasma para assumir outras complicadas atitudes, cheio de braços, de antenas e de fios, como se estivessem a se comunicar com o Sr. Marinetti recitando versos de três mil metros de altura, ou com algum de seus sequazes de cá, já consagrados em atirar pedras no papai, na mamãe, na gramática e no bom senso. (22/05/1926)

A referência não era fortuita, e refletia um tema momentoso. As conferências de Marinetti em 1926 foram muito polêmicas, e apenas a primeira, que versou sobre

questões estéticas, obteve sucesso, apesar da interrupção constante do público. Nas demais, suas relações com o fascismo italiano geraram protestos e agressões ao palestrante. Ao final desta viagem, o interesse pela figura já havia declinado. (Barros, 2010) Não havia, entre os modernistas brasileiros, qualquer consenso em torno de Marinetti, e eles próprios contribuíram para que fossem associados ao futurismo – um exemplo disto é o título do célebre artigo de Oswald de Andrade sobre Mário de Andrade, “O meu poeta futurista”, de 1921. Além disto, em um primeiro momento, no início dos anos 1920, o futurismo fornecia aos jovens artistas locais um programa amplo que abarcava estranheza, rebeldia, inquietação. A etiqueta “futurismo” não deixava de assumir, entre os opositores do movimento, um sentido pejorativo, mas, em geral, o rótulo abrigava tudo o que fugia ao convencionalismo da época. (Brito, 1997) Mais tarde, os modernistas teriam que prestar contas do uso do termo, crescentemente desgastado, e o recusariam frontalmente, sobretudo a partir de 1924, quando o movimento abandona a linha sobretudo iconoclasta dos primeiros tempos e passa a encampar conteúdos ideológicos específicos. (Moraes, 1978)

O infame trocadilho de Callage “passa-desta”, que remete a “passadista” nos lembra que, em um contexto de reforma do espaço urbano e de criação de novos comportamentos e sociabilidades, a ideia de “futurismo” encontrava um antípoda natural no termo “passadismo” e a oposição entre ambos ajudava a descrever o espírito do tempo. Isto explica que eventos como o calor inusual no mês de junho fossem traduzidos por Callage como sintoma de futurismo, em sua definição, “escola que já nos tem dado tão grande número de idiotas e um maior número ainda de cavadores...” (26/11/1925) Assim também era definida a tendência à verticalização da cidade. Ao mesmo tempo, tudo o que parecia caminhar à contracorrente da modernidade era imediatamente lido como um sinal de passadismo – este termo, aliás, adotado pelo cronista, era de uso geral à época, tendo sido empregado pelos próprios modernistas. Mário de Andrade, por exemplo, assim se define, ao se opor ao uso do termo “futurista”, no “Prefácio Interessantíssimo” de *Pauliceia Desvairada*: “Sou passadista, confesso”. (Andrade, 1987, p. 60)

Em um período de significativa mudança cultural e de abandono de velhas tradições, o termo futurismo se torna a melhor definição, no universo das crônicas de *A Cidade*, de um mundo de ponta a cabeça. Não por acaso, a virulência do cronista no combate ao movimento se faz repetidamente a partir do universo semântico da loucura, o que conduz Callage a apontar a inusitada semelhança entre a novidade modernista e a produção literária de Qorpo Santo, figura inusitada da história literária do Rio Grande do Sul (e da história literária brasileira, em geral). De fato, José Joaquim de Campos Leão era suspeito de alienação mental e, tendo produzido entre 1851 e 1883, apenas alcançou reconhecimento crítico na década de 1960, quando passou a ser considerado um precursor do teatro do absurdo (Picchio, 2006). O tema foi apresentado por Callage na coluna de 17 de setembro de 1925, em que o cronista reporta seu encontro – provavelmente fictício – com uma “figura cadavérica de rapaz de olheiras” que se dizia poeta futurista. Callage reproduz, então, o que seria o poema declamado pelo jovem, que demandava sua publicação no *Diário de Notícias*, concluindo que se tratava de cópia ou plágio da obra de Qorpo Santo (17/09/1925). Simultaneamente, começava a ser publicada no *Diário de Notícias* a série “Corpo Santo e os novos”, por ocasião da visita de Guilherme de Almeida ao Rio Grande do Sul para divulgação do movimento paulista. A série é assinada por “Um passadista”, mas, de acordo com Lígia Chiappini Moraes Leite, baseada em evidências genéticas e no depoimento de contemporâneos, foi de fato escrita por Roque Callage (Leite, 1972, p. 129).

Apesar de desenvolver-se em outros espaços do jornal, é em sua coluna cotidiana *A Cidade* que a militância antimodernista de Callage assume suas tonalidades mais instigantes, não apenas por sua capacidade de imiscuir-se em temas diversos, como também porque é neste espaço que o cronista exercita, ele próprio, sua veia “modernista”. De fato, se compreendemos o modernismo como a “arte da modernização”, podemos observar que Callage não apenas possuía domínio da linguagem de seus criticados, como também era movido por um idêntico fascínio pela vida urbana, não pelo futuro, mas pelo presente, a atualidade, a vivência do moderno (Bradbury, Mac Farlane, 1989, p. 27). Afinal, como observa Wilson Martins, o erro estava no termo “futurismo”, uma vez que o que pretendiam as novas correntes estéticas era a sincronização da arte com a experiência da

modernidade, um “presentismo” que seria mais bem definido, portanto, como “modernismo”. (Martins, 1969, p. 34)

Entre as crônicas de Callage, a expressão mais sutil deste cruzamento entre as dimensões do modernismo como forma de arte e da modernidade como experiência é uma crônica que se encerra com as frases: “O leitor que nos desculpe se perceber um pouco de mau cheiro ‘futurista’ nesta crônica. Foi sem querer”. Trata-se de um texto sobre o movimento do cais do porto, a descrição do cenário dinâmico em que pessoas, navios, máquinas e engrenagens se articulam em um mecanismo complexo e eficiente de deslocamento territorial e de intercâmbio mercantil. O autor não esconde seu entusiasmo pelo momento presente que ele testemunha – a crônica é devidamente datada do dia anterior –, pelo movimento da massa de passageiros e pela intensa circulação da riqueza: “Carrinhos, carroças, guindastes – rolam, rodam, ringem; e roncam e rugem as caldeiras na ânsia da partida próxima.” (06/07/1928) Na visão do cronista, determinados traços da linguagem do modernismo – o que ele denomina “mau cheiro” – irrompem involuntariamente, como se a modernidade criasse a demanda de uma linguagem capaz de representá-la. Assim, mesmo um passadista confesso deixa-se arrebatar pela força, pela velocidade, pelos maquinismos – temas modernistas por excelência.

Em outros momentos, Callage exercita sua veia crítica, utilizando as armas do inimigo, ou seja, parodiando a linguagem modernista. Surgem daí deliciosas provocações que, antes de denotarem oposição sistemática ao movimento, apontam para uma questão relevante para sua avaliação crítica: os limites de uma linguagem poética desprovida de modelos formais, ou seja, o risco de transformar o fazer literário em uma manipulação mecânica de fórmulas e clichês de entusiasmo pela vida moderna, celebração acrítica da civilização urbana e tecnológica. Este problema era particularmente sensível nas crônicas de Callage, uma vez que os temas desenvolvidos diariamente por sua coluna remetiam às dificuldades, contradições e dilemas da vida na cidade, temas modernistas por excelência. Porto Alegre estava, certamente, muito longe de ser uma “metrópole” como São Paulo, mas seu cotidiano era igualmente marcado por problemas como a alta do custo de vida, os congestionamentos de trânsito, a violência dos automóveis, os buracos das

ruas. O dito “futurismo” se apresentava assim como um “estilo” repetitivo e previsível, muito adequado a paródias como esta:

Que venha o pão de 1.000 réis, que venha a carne de 1\$200, que venha o arroz, o charque, o trigo, a farinha, a mandioca e os papagaios; que venha tudo, tudo, tudo barato, em lata, em saco, em naco, um caco, enchendo, atropelando, enfartando empanturrando, tudo baixo, tudo raso, tudo de graça. Morra a carestia, moram os bois, os porcos, os frangos, as galinhas, em iscas, tiscas, faíscas e petiscas.

Viva a cidade, viva a baixa, viva a alta, viva tudo: pão e gente, farinhas e bananas, sobrados e casebres, riquezas e misérias, lama e cama, Força e Luz e Cemitério, dinheiro, dinheiro, dinheiro a rodo.

Arame!

Arame!

Arame!

para acabar de uma vez com a necessidade dos “prontos”... (18/09/1925)

Lembrando que “arame” era uma gíria da época para referir-se a dinheiro e que “prontos” eram os pobres, a crônica de Callage assume força crítica em sua observação do fascínio da modernidade – festivamente anunciado pela linguagem “futurista” – mesclado a uma percepção amarga do comportamento argentário e materialista do tempo, da dependência em relação ao mercado de consumo, da precariedade dos serviços públicos que, sinônimos da modernidade, mantinham os cidadãos sob a pressão da disponibilidade de recursos tecnológicos como a luz elétrica e o transporte por bondes. Em analogia com as ideias de Marshall Berman, Callage se mostra, assim, mais próximo da visão ambígua e amargurada do modernismo do século XIX que da perspectiva alternativamente autocongratatória ou derrotista do modernismo do século XX – que tem o futurismo de Marinetti como expressão didática, observa Berman (1986), em seu entusiasmo juvenil pela civilização técnica e sua total desconsideração pelos avassaladores custos humanos da mudança social. Callage, particularmente sensível às contradições da modernidade, registra ironicamente o entusiasmo futurista, mas mantém o distanciamento necessário para registrar o quanto as obras de reforma urbana, ou seja, de atualização tecnológica e urbanística da capital, explicitavam a desigualdade social. Segundo ele, o esburacamento das ruas era “o melhor indício do milagre remodelador desta época do modernismo em que requintam o bem estar e o conforto, à maneira que com cores mais vivas se projetam aos nossos olhos os quadros dolorosos de miséria”. (30/04/1929)

Isto não significa, obviamente, que o modernismo brasileiro assumisse forçosamente o mesmo sentido, sobretudo na segunda metade da década de 1920, quando o movimento já havia superado sua fase heroica e iconoclasta e chegava a sua fase nacionalista, devidamente registrada por Callage em crônica de 14 de junho de 1927 ao referir-se aos “modernistas dos arranha-céus, das bananas e dos papagaios”. A atitude polemista de Callage em face do modernismo assume uma dimensão cômica coerente com a proposta estética do movimento ao fazer uso da linguagem da paródia, compreendida como prática de dessacralização do objeto, profanado e renovado pela linguagem da incorporação irreverente de discursos vários (Boaventura, 1985, p. 22-24). A postura de Callage encontra sua melhor definição na figura paródica de Paulo Plácido Pitanga, um doidivanas que havia abraçado a escola “com fervor de um crente”, juntamente com um colega que, naquele momento “está fazendo uma pequena estaçãozinha de repouso lá pras bandas do Partenon, no fim da linha”, referência ao Hospital Psiquiátrico São Pedro. Em sua primeira aparição nas crônicas de *A Cidade*, o poeta declara seu alinhamento com os antropofágicos e recita o poema que pretendia fazer publicar, por meio do cronista, na célebre Página Literária do *Diário de Notícias*. Os leitores costumeiros de *A Cidade* reconheceriam no poema temas já tratados pela coluna, assim como encontrariam temas familiares no pequeno trecho em prosa apresentado por ele:

Vou andando de bonde, num bonde pintado de amarelo. Chove na rua, Chove no bonde. Gritos de mulheres. Gritos de crianças? Manhê! Titia! Papai! Tá chovendo no bonde. – Não é nada de chuva, pessoal. É aquele garotinho que virou em vertente. (03/06/1930)

O tom de blague assumido pela crônica é ainda reforçado por dados acessórios: a valoração primária do texto dá-se pela originalidade do tema, que a princípio nada tem de poético, por se tratar de um assunto urbano prosaico; e a observação de que o poema então apresentado era apenas um entre os mil e quinhentos poemas modernistas do jovem letrado – o que insinua a pretensa facilidade de se escrever um poema no “estilo” do movimento. Ao adaptar o assunto à nova corrente literária, Callage efetua um cruzamento cômico entre a linguagem modernista e o interesse precípua de sua coluna pelos aspectos diversos e aparentemente insignificantes da vida urbana.

Ao avaliar a posição de Roque Callage no meio intelectual sul-rio-grandense, Lígia Chiappini considera que ele ocupou, no modernismo do Rio Grande do Sul, um espaço similar ao de Monteiro Lobato, ainda que fosse menos radical que o escritor paulista. (Leite, 1972, p. 309) A autora percebe a importância do cronista no meio cultural de Porto Alegre, e anota as evidentes contradições entre esta suposta oposição de Callage ao modernismo e outros aspectos de sua atuação intelectual como: sua amizade e incentivo aos escritores novos; a evidente influência da linguagem modernista em suas crônicas urbanas; a evolução estética de seus contos regionalistas; sua posição dinâmica e instigadora da vida literária do Estado; o cruzamento entre o programa regionalista que abraçava e a vertente nacionalista do modernismo; e, enfim, o fato de que a crítica ao movimento não deixava, afinal, de alimentar uma polêmica que mantinha o tema na ordem do dia.

Ainda que todos estes aspectos devam ser considerados e sejam de fato relevantes, acreditamos que o tema deva ser objeto de uma análise mais detida, mesmo porque, ainda que a crítica de Callage ao modernismo assuma de fato um tom farsesco, não há tampouco como duvidar da sinceridade de sua oposição ao movimento. Pelo contrário, esta oposição pode ser vista como uma via de acesso a um debate significativo para a avaliação dos próprios dilemas do modernismo, em seu enquadramento sociopolítico, em sua capacidade de renovação estética consequente, em seu potencial de reflexão ideológica, em seu debate sobre a especificidade da modernização retardatária no Brasil, na polaridade entre a consideração da diversidade nacional e as tendências centralizadoras em gestação. Enfim, o próprio sentido da renovação formal modernista como criação de uma arte de vanguarda deve ser posto em cheque, já que o “antimodernismo modernista” de Callage pode apontar para percepções modernas divergentes e múltiplas, que vão além da postura de liderança assumida pelo programa paulista – como, aliás, o estudo de Monica Velloso registrou, em outra chave, ao tratar do modernismo no Rio de Janeiro (Velloso, 1996). Enfim, acreditamos que a postura irreverente e polemista de Callage em seu combate jornalístico cotidiano possa ser tão culturalmente significativa para a percepção do moderno no Brasil quanto a difusão e a incorporação do paradigma modernista, geralmente tido como “o” fenômeno significativo da vida literária brasileira na segunda metade dos anos 1920.

Referências:

Fontes primárias:

- [CALLAGE, Roque]. A cidade. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 04/12/1926, ano II, n. 240, p. 3.
- [CALLAGE, Roque]. A cidade. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 06/07/1928, ano IV, n. 108, p. 3.
- [CALLAGE, Roque]. A cidade. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 17/09/1925, ano I, n. 172, p. 3.
- [CALLAGE, Roque]. A cidade. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 18/09/1925, ano I, n. 173, p. 3.
- [CALLAGE, Roque]. A cidade. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 22/05/1926, ano II, n. 71, p. 3.
- [CALLAGE, Roque]. A cidade. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 26/11/1925, ano I, n. 232, p. 3.
- [CALLAGE, Roque]. A cidade. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 30/04/1929, ano V, n. 51, p. 3.
- [CALLAGE, Roque]. A cidade. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 03/06/1930, ano VI, n. 80, p. 3.
- [CALLAGE, Roque]. O Futurismo... Corpo Santo e os novos. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 22/09/1925, ano I, n. 176, p. 3.

Livros e artigos:

- ANDRADE, Mário de. "Prefácio interessantíssimo", de Paulicéia desvairada. In: *Poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp 1987. p. 59-77.
- BARROS, Orlando de. *O pai do futurismo no país do futuro: as viagens de Marinetti ao Brasil em 1926 e 1936*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOAVENTURA, Maria Eugenia. *A vanguarda antropofágica*. São Paulo: Ática, 1985.
- BRADBURY, Malcom; MC FARLANE, James. "O nome e a natureza do modernismo". In: BRADBURY, Malcom; MC FARLANE, James (Org.). *Modernismo: guia geral*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 13-42.
- BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro I – Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Modernismo no Rio Grande do Sul*. Materiais para seu estudo. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.
- MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira*. v. VI. O modernismo. (1916-1945). 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MORAES, Eduardo Jardim de. *A Brasilidade modernista*. Sua dimensão filosófica, Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. "O teatro de Qorpo-Santo. Teoria da recepção e loucura ao espelho". In: CRISTALDO, Janer (org.). *Qorpo-Santo de corpo inteiro*.

2006. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/qorposanto.html>. Acesso em 22/07/2013.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.